

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO

PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS

NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)

Dissertação (mestrado)

Monografia (especialização)

TCC (graduação)

Artigo científico

Capítulo de livro

Livro

Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Documento assinado digitalmente
 **SILNARA BATISTA DE SOUSA**
Data: 30/04/2025 19:07:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Local

Data

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Documento assinado digitalmente



RONALDO ELIAS BORGES

Data: 30/04/2025 20:15:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ciente e de acordo:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 45/2025 - CCEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

Anexo 09

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO – TC

No dia **31 de março de 2025**, às **19h30min**, na sala de reuniões do Curso de Pedagogia, no IF Goiano -Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do Trabalho de Curso (TC) intitulado: **A LITERATURA INFANTIL, O PROFESSOR E A FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS** da Acadêmica, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, **SILNARA BATISTA DE SOUSA**, desenvolvido sob a orientação do(a) professor(a) **Dr. Ronaldo Elias Borges**. A banca de avaliação foi composta pelos (as) professores (as) **Dra. Ana Maria Alves Pereira dos Santos** e **Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano**.

Sendo considerado (a) o (a) Acadêmico (a):

() aprovado(a) sem ressalvas.

(x) aprovada com ressalvas.

() reprovado(a).

() reprovado(a) por não comparecer.

Morrinhos, 31 de março de 2025.

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges

Orientador(a)

(Assinado Eletronicamente)

Profa. Dra. Ana Maria Alves Pereira dos Santos

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Profª. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Observação:

() O(a) estudante não compareceu à defesa do TC.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ronaldo Elias Borges**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 31/03/2025 20:22:07.
- **Ana Maria Alves Pereira dos Santos**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 31/03/2025 20:23:45.
- **Sangelita Miranda Franco Mariano**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 31/03/2025 20:33:20.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 31/03/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 693183

Código de Autenticação: e2dd0c8fdf



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Morrinhos

Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, SN, Zona Rural, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000

(64) 3413-7900

O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Silnara Batista de Sousa
Graduanda em Pedagogia/IF Goiano – Campus Morrinhos
E-mail: silnara.batista@estudante.ifgoiano.edu.br

Ronaldo Elias Borges
Doutor em Letras e Linguística. Docente do curso de Pedagogia do IF Goiano – Campus Morrinhos. E-mail: ronaldo.borges@ifgoiano.edu.br

RESUMO

Este artigo discute, a partir de um viés teórico, as contribuições possíveis da Literatura Infantil e das ações pedagógicas do professor para o processo de formação de hábito de leitura em crianças. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, adotando como procedimento metodológico o estudo bibliográfico. As análises evidenciaram que a literatura infantil é muito importante e válida para a formação leitora infantil, desde que o professor consiga planejar corretamente as ações a serem desenvolvidas, tornando-se um facilitador desse processo de incentivo à leitura, de exploração de significados e de desenvolvimento do gosto pela leitura. Dessa forma, o texto literário necessita da atuação docente assim como o professor, das histórias infantis para desenvolver habilidades leitoras em seus alunos.

Palavras-chave: Educação. Literatura Infantil. Mediação Docente. Leitura.

ABSTRACT

This article discusses, from a theoretical perspective, the possible contributions of Children's Literature and the pedagogical actions of the teacher to the process of forming the reading habit in children. To this end, we conducted a qualitative study, adopting the bibliographic study as a methodological procedure. The analyses showed that children's literature is very important and valid for the formation of child readers, as long as the teacher is able to correctly plan the actions to be developed, becoming a facilitator of this process of encouraging reading, exploring meanings and developing a taste for reading. Thus, literary texts require the teaching role, as well as the teacher, children's stories to develop reading skills in their students.

Keywords: Education. Children's Literature. Teaching Mediation. Reading.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação cultural milenar cuja origem é difícil de precisar. Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905–1980), não existe uma definição única para o termo, mas sim reflexões em torno dele. As primeiras manifestações literárias conhecidas remontam à

civilização suméria (c. 4500–1900 a.C.), localizada na Mesopotâmia — atual território do Iraque, com destaque para os textos cuneiformes como o *Épico de Gilgamesh*. No Egito Antigo, predominavam textos religiosos, mitos e contos (c. 3100–332 a.C.), enquanto a Grécia Antiga, considerada o berço da literatura ocidental, destacou-se com obras como *Iliada* e *Odisseia*, entre os séculos VIII e II a.C. (Cândido, 1995).

A literatura infantil é uma expressão artística e cultural especialmente para crianças e desempenha um papel vital no desenvolvimento da capacidade de leitura das crianças. Além de divertido, ajuda a desenvolver a imaginação, a sensibilidade, a linguagem e a consciência crítica desde os primeiros anos de vida. A partir do momento em que a infância começou a ser vista como uma fase distinta da vida, com suas próprias necessidades e características, reconheceu-se que as crianças precisam de narrativas feitas especificamente para elas, narrativas que falem aos seus mundos simbólico, emocional e cognitivo (Coelho, 2000).

O estabelecimento da literatura infantil como um gênero específico começou no século XVII, quando escritores como Charles Perrault adaptaram histórias populares para atrair crianças, respeitando os limites culturais e morais da época. Entretanto, foi somente nos séculos XVIII e XIX, com os avanços do pensamento educacional e a valorização da infância, que a literatura destinada ao público infantil passou a ser vista como instrumento educativo. A partir daí, as obras literárias passaram a ter finalidades educativas, morais e sociais e foram incorporadas aos ambientes escolar e familiar (Perrone, 2000).

No Brasil, a literatura infantil é famosa por Monteiro Lobato, um dos pioneiros e principais figuras da literatura infantil. Seu trabalho rompe com o didatismo rígido e cria personagens criativas, críticas e questionadoras, como a Boneca Emília, que representam novas formas de pensar a infância e a literatura. Lobato acredita que os livros infantis não são apenas um recurso didático, mas também um meio de estimular a reflexão social e ampliar os horizontes das crianças, tornando a leitura um espaço de liberdade, reflexão e descoberta. Neste contexto, a formação do leitor infantil passa necessariamente pelo papel do professor como intermediário de textos literários.

A partir daí Lobato (2008), passa a estabelecer uma relação entre a literatura e as questões sociais, nessa época a literatura era entendida como o “sorriso da sociedade” (Cademartori, p. 52) desse modo ele ver na literatura e nas suas obras um meio de demonstrar a sua inconformidade com os problemas da sociedade brasileira e acreditava que podia mudar isso como por exemplo quando escreveu o Jeca Tatu, relatando em seu texto a precariedade da vida nacional causando contrariedade ao que a sociedade entendia sobre a literatura.

Para Lobato (2008), a função dele como escritor tinha um papel muito importante e revolucionário para a vida humana segundo ele: “Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena, e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo” (Lobato, 2008, p. 34).

Desse modo, Lobato (2008), viu nos livros e na literatura infantil um meio eficaz importante para o processo social capaz de modificar e influenciar a sociedade a refletir sobre suas ações e a se impor diante das situações que lhes eram impostas, ao criar seus personagens transformou o tradicionalismo em esperteza e como exemplos podem falar de um dos personagens mais famosos, a Emília que com suas habilidades e inteligência passou a ser valorizada, nesse contexto a moral que antes era tradicional para ele se baseava em uma verdade individual e que não era absoluta, suas obras e personagens têm como grande valor a liberdade.

Portanto, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento da leitura infantil, destacando o papel do professor como facilitador dessa jornada. Considerando que a leitura literária na infância envolve mais do que apenas decodificar palavras, mas também imaginação, emoções, linguagem e construção de significados, torna-se crucial discutir como a literatura infantil pode e deve ser utilizada de forma intencional, afetiva e formativa no campo educacional.

A LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

A partir da trajetória anterior, ao associar a literatura infantil à educação e, portanto, ao ambiente escolar, ela passou a ser entendida como instrumento de desenvolvimento da linguagem e do intelectual. As escolas também começaram a dar importância ao ensino da língua escrita, embora inicialmente adotassem uma postura mecânica, concentrando-se no domínio das regras gramaticais e da expressão escrita, sem considerar fatores básicos da expressão oral, como a personalidade de cada criança, o contexto sociocultural em que vive, a exposição à linguagem desde cedo e a interação social (Coutinho, 1978).

Essas variáveis estão inter-relacionadas e são essenciais para o desenvolvimento da criança durante a transição da linguagem oral para a consciência fonológica, um estágio importante no aprendizado da leitura e da escrita. Portanto, podemos entender que a exposição a histórias, poemas e outras expressões orais no processo de leitura e escrita pode ajudar as crianças a entrarem em contato com o mundo dos livros, cultivar o interesse pela leitura e ser propícia ao desenvolvimento de habilidades de expressão oral.

Portanto, a exposição à leitura deve se dar por meio de experiências emocionais e prazerosas desde os primeiros anos de vida escolar, pois a literatura infantil favorece o desenvolvimento da linguagem ao mesmo tempo em que desperta emoções e sentimentos que fazem parte do processo de alfabetização. Desde muito cedo, as crianças começam a usar a linguagem falada antes de dominarem a leitura e a escrita. Se as escolas se concentrarem apenas na gramática e na expressão escrita e ignorarem a experiência oral, o processo de aprendizagem será interrompido (Coutinho, 1978).

Portanto, a alfabetização deve conectar a experiência do som dos fonemas com a visualização dos grafemas. Nesse sentido, a exposição à literatura proporciona às crianças uma rica experiência de narrativas orais, clássicas, populares, trava-línguas e outros recursos sonoros e semânticos que estimulam a expressividade e a linguagem. Segundo Piaget,

O aprendizado possui ligação entre adaptação, acomodação e assimilação, através de informações adquiridas no meio em que se está inserida. Esses são processos de internalização de conteúdos externos, passando por etapas para que seja possível ocorrer uma compreensão, ora assimilando assim os objetos, a ação e o pensamento são compelidos a se acomodarem a estes, isto é, a se reajustarem por ocasião de cada variação exterior. Pode-se chamar 'adaptação' ao equilíbrio destas assimilações e acomodações (Piaget, 1994, p.17).

Com o passar do tempo e o avanço da tecnologia, surgem novas questões: como as escolas de hoje abordam a literatura infantil? Qual é a sua influência na sociedade digital? Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017), 69,8% da população brasileira tem acesso à internet, o que significa 126,3 milhões de pessoas conectadas à internet (Machado; Hydu, 2012).

Apesar da facilidade de acesso à informação, ainda podemos observar mudanças no comportamento e nos hábitos de leitura. A Internet ocupou todo o espaço e, embora forneça uma grande quantidade de informações, isso não significa produção de conhecimento. O conhecimento é construído por meio da reflexão e da experiência crítica. Barroso e Camargo (2010) argumentam que o pensamento crítico é essencial na sociedade contemporânea e a educação é vista como um investimento necessário para o desenvolvimento econômico e social.

Dados de avaliação nacionais e internacionais confirmam essa situação preocupante. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2015) mostra que os estudantes brasileiros de 15 anos ocupam a 59ª posição no mundo em termos de alfabetização e habilidades de leitura. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2017 mostrou que apenas 1,6% dos alunos demonstraram proficiência satisfatória em português (Camargo; Barroso, 2010).

Esses números contrastam com os dados de acesso à internet fornecidos pelo IBGE, mostrando que mesmo quando há conectividade, ainda há uma grande lacuna entre acesso e aprendizado. O que foi perdido ao longo do caminho? Por que tantos estudantes, especialmente os do ensino médio, se afastam dos livros e da literatura?

Diante disso, Levy diz,

Que a inteligência coletiva pode ser tanto um remédio como um veneno, “um veneno para os que dela não participam [...] e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (Lévy, 1999, p. 30).

O domínio dessas informações críticas requer orientação. Combinar a alfabetização digital com o ensino de literatura pode ajudar os alunos a não se perderem no mar de conteúdo. Nessa situação, o papel do professor é crucial. Como mediador, ele deve orientar os alunos para que utilizem os recursos tecnológicos de forma crítica e consciente, sem perder a importância da literatura.

Escolas e professores têm um papel importante a desempenhar no incentivo ao uso responsável da Internet e da leitura, além de facilitar o envolvimento significativo com textos literários. Wertheim (2007, p. 3) afirma:

Cabe às autoridades instituídas e a sociedade ilustrada a responsabilidade por garantir que os novos recursos tecnológicos continuem a se popularizar, oferecendo facilidades ao maior número possível de indivíduos, ao mesmo tempo em que favoreçam o desenvolvimento intelectual e ético de quem os utiliza. É uma questão de escolha (Wertheim, 2007, p. 3).

Apesar das dificuldades, a literatura infantil combinada à tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para despertar o interesse dos alunos e permitir que eles vivenciem coisas por meio da leitura. A literatura tem o poder de humanizar, educar e ampliar os horizontes dos alunos para outras culturas, modos de vida e realidades. Portanto, mesmo diante das mudanças trazidas pela modernização, é importante garantir que os alunos tenham acesso a grandes obras literárias e, por meio delas, conheçam sua própria cultura e história.

ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

Antes da evolução da escrita, somente alguns privilegiados tinham acesso à leitura e a escrita, a educação era comandada pela igreja, e as pessoas que não tinham acesso à leitura, apenas obedeciam e ouviam o que lhes era passado; sem direito de qualquer questionamento ou

desrespeito aos ensinamentos prestados pela igreja. Como exemplo, podemos citar o Egito antigo, onde ensinar, era restrito a poucos dentre eles os sacerdotes, na Mesopotâmia a classe sacerdotal era encarregada da educação, segundo Toscano:

A história da educação está intimamente ligada à própria história das instituições religiosas. A casta sacerdotal que nas sociedades arcaicas, detinha o poder político ou pelo menos dele participava ativamente, deve ter compreendido de maneira bastante clara, a importância de chamar a si o controle do sistema educacional, por mais informal e limitado que ele fosse (Toscano, 2001, p. 139).

Podemos destacar sobre as considerações de Toscano (2001), que diz que a educação não esteve somente relacionada ao âmbito religioso, mas por muito tempo fora apenas um privilégio da classe sacerdotal composto por diferentes tipos de religiões e culturas, como também a religiosidade intervinha em toda esfera das sociedades primitivas.

Quando pensamos sobre o conceito de leitura podemos perceber que são apresentados conceitos dos dicionários que são diferentes dos conceitos atribuídos socialmente principalmente no âmbito escolar, fazendo-se necessário observar a definição do termo ler, de acordo com Vargas (2000), ler é intertextualizar o mundo do leitor com o conhecimento que a leitura oferece e transformando sua percepção de mundo, Vargas destaca que:

Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato do criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas series de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca (Vargas, 2000, p. 6).

A partir desse pressuposto podemos afirmar que a leitura é o encontro entre o leitor e o autor que buscam um sentido para a leitura e construção deste, o ato de ler consiste nessa interação e traz significados que são determinados pelas condições sociais, culturais e históricas de cada leitor, sendo assim uma mesma leitura pode ter interpretações diferentes entre um leitor e outro, pois cada um tem um conhecimento prévio, Para Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 39).

Para concluir conforme citado acima a prática da leitura consciente e significativa permite que os indivíduos se comuniquem com eficiência e se posicionem através das vivências, conhecimento de mundo e apropriação da cultura social acumulada. Nesse contexto iremos verificar qual seria o papel da escola e do professor no processo de aquisição da leitura e suas contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças através da literatura infantil.

O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO E HÁBITO DA LEITURA

Ao examinar os desafios enfrentados por indivíduos em contextos de vulnerabilidade social em relação à alfabetização e ao processo de alfabetização, torna-se pertinente contemplar potenciais métodos para transformar essa realidade. A leitura, como atividade social, transcende a mera decodificação de palavras e está intrinsecamente ligada às origens históricas, culturais e econômicas dos indivíduos. Portanto, é necessário identificar quais agentes sociais podem desempenhar um papel na promoção dessa prática desde os primeiros anos de escolaridade (Coutinho, 1978).

Nesse contexto, a escola e o educador assumem um papel fundamental na formação de leitores críticos e participativos. Como observado por Soares (2004), o ensino da leitura deve enfatizar não apenas seu aspecto prático, mas também seu propósito de formar indivíduos capazes de compreender e se envolver com o mundo ao seu redor. Consequentemente, o ensino da leitura deve ir além da mera mecânica da decodificação, buscando promover um conjunto abrangente de competências de leitura que inclua compreensão, interpretação, análise e avaliação crítica.

A literatura infantil serve como um instrumento significativo para estimular o entusiasmo dos alunos pela leitura. Como observado por Abramovich (1997), o ato de narrar e ler histórias para crianças facilita a exploração do prazer estético encontrado nas palavras, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento da imaginação, da empatia e do pensamento reflexivo. O envolvimento com livros durante a infância, orientado por educadores atentos e bem treinados, desempenha um papel importante no estabelecimento de uma conexão emocional e significativa com o ato de ler.

É importante reconhecer que o acesso dos alunos à leitura está intrinsecamente ligado às suas circunstâncias sociais. Muitos alunos enfrentam tanto a exclusão quanto a falta de recursos de leitura em suas famílias. Consequentemente, as escolas devem assumir a responsabilidade de garantir esse acesso e promover ambientes de letramento que considerem a leitura uma atividade prazerosa e cotidiana.

Freire (1996) ressalta a necessidade de os educadores acreditarem no potencial de mudança, afirmando que a compreensão do mundo vem antes da compreensão da palavra escrita. Portanto, o papel do professor vai além da mera transmissão de informações; ele serve como mediador entre o aluno e as interpretações do mundo. Assim, segundo Paulo Freire:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura dele que fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer transformá-lo através da nossa prática consciente. (Freire, 2000, p. 20).

Desse modo, a escola e o professor têm como papel incentivar e introduzir a leitura de mundo das crianças em sala de aula através da literatura infantil para assim quebrar esse ciclo desde a infância de modo que todos tenham o conhecimento de que a leitura vai além dos signos linguísticos, pois a interação e as condições internas e externas por eles vividas são fundamentais para desenvolver e estimular a leitura.

Sabemos que o acesso à educação e a leitura nos tempos antigos era privilégio de poucos e que a aprendizagem se baseava em uma disciplina rígida e utilizavam o método analítico que tinha como principal característica decorar o alfabeto, depois soletrar e por fim decodificar algumas palavras até chegar a textos maiores e contínuos (Manacorda, 2006).

Desse modo, a escola e professor exerce um papel fundamental em incentivar e estimular seus alunos a ler diferentes textos literários respeitando os gostos e motivando-os para uma leitura prazerosa e eficaz, o professor como mediador nessa situação precisa ter um amplo repertório de leitura bem como ser criterioso e exigente na escolha dos livros que serão utilizados, observar se estão adequados de acordo com cada faixa etária dos alunos, complementando a questão do papel do professor no ensino da leitura observou-se que:

Para que o ensino literário continue dando seus frutos, é necessário que o professor antes do aluno, continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão menos exigente e mais rentável. (Perrone, Moisés, 2000, P.351).

Nesse contexto, cabe às escolas e aos educadores oferecer aos alunos a exposição a diversos gêneros e recursos textuais, promovendo uma conexão significativa e prazerosa com a leitura e a escrita. Estratégias de ensino devem ser elaboradas para despertar a curiosidade e o engajamento dos alunos, transformando a leitura de uma tarefa obrigatória em um aspecto integral e prazeroso da experiência escolar, que também repercute em ambientes fora da sala de aula.

No domínio da alfabetização, ainda não foi estabelecida uma abordagem única que garanta que os alunos se tornem leitores proficientes e independentes após a aquisição fundamental de habilidades de leitura e escrita. Muitos alunos, incluindo aqueles alfabetizados,

não reconhecem que a leitura transcende os limites do ambiente educacional; ela serve como um instrumento essencial para promover a autonomia, construir significado e se engajar criticamente na sociedade (Frantz, 1998).

Nesse sentido, é imperativo esclarecer a ideia equivocada de que somente aqueles que são alfabetizados e pertencem às classes dominantes possuem o domínio da linguagem, dos códigos e da geração de conhecimento. Essa visão reforça uma estrutura excludente, na qual indivíduos sem proficiência em leitura e escrita se encontram marginalizados nos processos sociais.

Como Freire (1996, p. 69) dialoga, os analfabetos ficam vulneráveis à submissão daqueles que "sabem das coisas". Portanto, fomentar uma cultura da leitura não é apenas uma questão de educação; representa um esforço político e libertador que visa dismantlar o paradigma elitista que cerca a criação e o acesso ao conhecimento. Essa iniciativa busca garantir a todos os indivíduos o direito de adquirir a linguagem, permitindo-lhes compreender, articular e remodelar sua realidade. Sobre essa ideia, Freire destaca que:

O corpo e a alma da América, o corpo e a alma de seus povos originários, assim como o corpo e a alma dos homens e das mulheres que nasceram no chão americano, filhos e filhas de não importa de que combinações étnicas, o corpo e a alma de mulheres e homens que dizem não à dominação de um Estado sobre o outro, de um sexo sobre o outro, de uma classe social sobre a outra, sabem, o corpo e alma dos progressistas e das progressistas, o que representou o processo de expansão europeia que trazia em si as limitações que nos eram impostas (Freire, 1996, p. 74).

Diante dessa realidade, Freire (1994) enfatiza o que chama de educação bancária, uma abordagem pedagógica convencional em que o educador assume o papel de detentor exclusivo do conhecimento, enquanto os alunos assumem um papel passivo, como meros receptores de informação. Esse modelo compara o processo educacional a um depósito financeiro: o professor “deposita” conhecimento nos alunos, que posteriormente retêm a informação sem se envolver em questionamentos ou análises críticas.

Consequentemente, o conhecimento é visto como uma transferência unilateral daqueles que se percebem como conhecedores para aqueles considerados desinformados, perpetuando assim uma dinâmica de dominação e subordinação. Freire (1996) argumenta que essa perspectiva não facilita a libertação, pois sufoca o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos e reforça uma estrutura de poder desequilibrada na educação.

Em contrapartida, o autor promove uma forma dialógica de educação, na qual professores e alunos constroem conhecimento colaborativamente por meio do exame de suas

realidades vividas. Assim, a prática pedagógica deve ser crítica, contextualizada e voltada para a formação de indivíduos autônomos, capazes de interpretar e agir sobre o mundo.

Consequentemente, a função autêntica da educação, das escolas e dos professores é fomentar o pensamento crítico, equipando os alunos com as ferramentas necessárias para avaliar os contextos históricos e sociais em que vivem, permitindo-lhes, assim, exercer sua cidadania de forma deliberada e proativa. Alcançar esse objetivo exige o abandono de métodos de ensino autoritários e o avanço de práticas educacionais voltadas para a transformação social. No entanto, reconhece-se que a educação brasileira encontrou, e continua a encontrar, uma infinidade de desafios que obstruem a concretização desse ideal libertador (Cândido, 1995).

Na discussão a seguir, examinaremos várias dessas questões que afetam diretamente as responsabilidades dos educadores no âmbito do ensino e da aprendizagem. Sabemos que a leitura é responsável por contribuir de forma significativa com a formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.

Para alguns educadores, a necessidade de desenvolver nos alunos o hábito de ler é essencial, porém existem questões que infelizmente impedem de seguir adiante com esse processo, para os educadores há uma crise na leitura que vai além da ausência dos livros, pois a leitura está limitada à escola e infelizmente ligadas somente aos livros didáticos (Coutinho, 1978).

Diante disso, para os educadores, os livros didáticos são vistos como um “mal necessário”, inibem do que incentivam o gosto de ler, uma vez que são autoritários e mascaram a leitura com o pretexto de resguardar princípios inabaláveis, mas que na verdade revela a realidade.

Para tanto como principal consequência existe uma falta de diálogo entre professor e aluno e desperdício de tempo, já que poderiam realizar leituras que de fato fossem capazes de desenvolver verdadeiros leitores, no entanto quando se fala em “crise da leitura” no nosso país é muito mais complexa que a falta de livros na escola, trata-se de uma precariedade socioeconômica e na ineficiência da instituição escolar que na maioria das vezes limita e determina as opções de leitura.

Afrânio Coutinho (1978, p. 14), considera que:

Em primeiro lugar, deve servir para ensinar a leitura: leitura expressiva, interpretativa, dialogada. Pondo desde o início, o aluno em contato direto com o texto literário, fazê-lo adquirir a familiaridade com a língua e a coisa literária, levando-o a adquirir o gosto da literatura, a justa compreensão de seu valor e significado. A leitura inteligente, e inteligentemente conduzida, tem por função justamente abrir o véu sobre esse mundo.

Contudo se a leitura e escola são as chaves para que essa formação do indivíduo aconteça, por que a realidade é outra? Porque infelizmente não compreenderam que os alunos são agentes transformadores da realidade social e desconsideram a importância da literatura infantil e da leitura nesse processo de formação, precisa-se entender de fato a relação entre o aluno, a escola, a sociedade, a leitura e a escrita para que sejam capazes de interpretar e transformar a realidade a sua volta.

Trata-se de um sistema educacional que reafirma uma supremacia social, política, econômica e cultural, em que o livro didático faz parte e transmite ideologias autoritárias com a justificativa de viabilizar o desenvolvimento de capacidades específicas sistematizar conhecimentos e simplificar assuntos considerados complexos, diante disso Osmar Lins destaca que: enquanto à educação formal vai por água abaixo, a “máfia do livro didático”, prospera francamente. (Lins, 1977, p. 31).

A partir desse pressuposto enquanto os educadores e a escola não pensarem em desenvolver a alfabetização e a leitura sem pensar em todo o contexto no qual seu aluno está inserido, infelizmente a realidade será uma leitura limitada aos livros didáticos ou textos escritos em geral. Enquanto não houver uma reformulação no nosso sistema político-econômico e sociocultural para melhoria das condições de vida da grande maioria da população, essa será a realidade do sistema educacional brasileiro.

Enquanto isso não acontece é fundamental que os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir de forma mais objetiva e coerente com as realidades e desequilíbrios que fazem parte do seu cotidiano e realidade da sociedade. E quando colocamos a leitura como pauta devemos sim saber que vai além dos textos seja ela qual for, pois a leitura começa mesmo antes do contato com os livros, convém lembrar que é papel da instituição escolar contribuir para a formação do caráter dos cidadãos, disseminar e aguçar o intelecto do sujeito. Conforme Grazioli e Coenga:

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação. Muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: Como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros? (2014, p. 191).

Mediante afirmações citadas acima podemos afirmar que a leitura acontece a partir da compreensão e da capacidade que o leitor possui para dar sentidos aos sinais linguísticos e

compreendê-los a partir do diálogo existente entre o leitor e o objeto lido, seja ele escrito, sonoro, um gesto ou uma imagem. Sendo assim nesse momento a função do professor é tornar e criar condições para os educandos conseguirem construir sua própria aprendizagem baseadas nos interesses e necessidades de cada um, ou seja, propiciar um ambiente de leitura que faça sentido (Lins, 1977).

Para que isso aconteça é fundamental pensar quais meios poderiam contribuir para que a leitura seja realmente eficaz. Incluir a literatura infantil em sala de aula é essencial, não podemos desvincular do âmbito educacional com objetivos claros de auxiliar na familiarização entre o leitor e a produção artística bem como sua compreensão. No entanto, a maneira como a literatura infantil está inserida no âmbito educacional se dá de maneira errônea e preconceituosa, baseada em um contexto mercadológico e pedagógico, para Zilberman (1985, p. 20),

A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido a multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem.

Infelizmente as escolas veem a literatura como um meio pedagógico e não mostram a importância e função literária para os educandos e a sociedade. A partir desse pressuposto entende-se que a leitura em sala de aula se resume apenas em decodificação, se tornou uma obrigatoriedade, cansativa, maçante e sem significado algum para grande maioria dos estudantes, Jolibert (1994) considera que: “Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito” (p.15), desse modo compreende-se que a Literatura infantil e a escola devem estar interligadas e são como uma ponte entre o que está escrito e o mundo em que vivemos.

Segundo Freire ler é quando os estudantes conseguem compreender e interpretar o que se lê e que só se aprende com as experiências, as vivências e leitura do mundo, em uma de suas obras ele relata,

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1996, p.20)

Podemos perceber nessa fala que a leitura é um processo de intertextualização, reconhecimento das letras, pronúncia e compreensão do que está sendo lido e sua relação com o mundo, logo a literatura infantil seria uma ferramenta de grande valia se fosse trabalhada no

âmbito escolar com fins educativos e com o objetivo de tornar as leituras prazerosas e significativas.

Porém o que acontece dentro do âmbito escolar é o oposto disso, em relação ao desenvolvimento dos estudantes estudos revelam que muitos professores relatam que os alunos que não conseguem ler também possuem dificuldades nas outras disciplinas, uma vez que precisa ter domínio da leitura para compreender o que está sendo estudado, logo esse aluno não conseguirá entender o mundo à sua volta (Coutinho, 1978).

Pode-se observar que a leitura possui um papel importante na escola e na sociedade, logo é responsável pela formação do cidadão transformador da realidade social, observa-se a importância da literatura infantil e leitura em todos os contextos sociais e não somente na escola. Contudo o primeiro passo é o professor também gostar e demonstrar para seus alunos o hábito e gosto por leituras, ser exemplo para os estudantes, Perrone destaca que:

Para que o ensino literário continue dando seus frutos, é necessário que o professor, antes do aluno, continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão mais atual, menos exigente e mais rentável (Perrone-Moisés, 2000, p.351).

Desse modo para que os estudantes tenham real interesse e gosto pela leitura, o professor precisa ter objetivo quando pensar em uma proposta para os seus alunos uma das suas funções também é preparar um ambiente de leitura agradável, escolher livros adequados de acordo com a fase das crianças, pois o contato da criança com textos literários permite o desenvolvimento da imaginação, além de facilitar a expressão de ideias e corporal, ou seja, incentivar o desejo de aprender e conhecer através dela. Segundo Solé (1998):

O professor deveria pensar na complexidade que o caracteriza e, simultaneamente, na capacidade que as crianças têm para enfrentar de seu modo essa complexidade. Assim sua atuação tenderá a observá-los e a oferecer-lhes ajudas adequadas para que possam superar os desafios que sempre deveriam envolver a atividade de leitura. (p.91).

Considerando essa proposta para introduzir a leitura na sala de aula, fica claro que a literatura infantil seria um meio capaz de sensibilizar e contribuir para a formação do leitor, pois de acordo com Frantz (1998),

Criança e literatura infantil gozam e compartilham da mesma natureza, isto é, “ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras – e essas afinidades fazem com que seja a literatura infantil a mais poderosa aliada do professor e da criança pela vida afora, na busca da compreensão do mundo e do ser humano” (1998, p.16).

Quando a escola e o professor compreenderem que ensinar envolve os alunos e que a aprendizagem ocorre de maneiras diferentes, o processo de ensino e aprendizagem se tornará mais fácil para ambos os lados e isso não diminuirá ou invalidará o ensino, a literatura infantil será uma aliada, uma porta com capacidade de apresentar a arte, a leitura e consequentemente contribuir com a escrita. Para Jolibert (1994):

É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para poder ler depois: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre “aprender a ler” e “ler”. Colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer), cada criança mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar novas estratégias para concluir a tarefa[...] não se ensina uma criança a ler: ela é quem se ensina a ler com a nossa ajuda e a de seus colegas e dos diversos instrumentos da aula, mas também a dos pais e de todos os leitores encontrados. (p.14)

Partindo desse pressuposto podemos afirmar que a ligação entre a literatura infantil e a leitura pode ser a chave para que haja aprendizagem e também prazer na leitura e não como uma ação mecanizada e enfadonha, para Vargas (2000). “tratar a leitura como uma atividade artística, talvez esta seja a forma de não vacinar as crianças contra ela” (p.14).

Desse modo como podemos despertar o gosto das crianças pela leitura? Segundo Machado e Hydu:

O professor tem uma tarefa de suma importância nessa apropriação. É ele, mais experiente em relação à produção cultural da sociedade, que deverá propiciar condições para que a obra seja explorada ao máximo, em todas as suas potencialidades (2012, p. 28).

A partir dessa base, podemos afirmar que a relação entre leitura, ensino e desenvolvimento individual está fundamentalmente interligada. A instituição educacional, enquanto espaço de formação, deve reconhecer a importância da literatura infantil como meio de construção de sentido, fomento da expressão e facilitação da transformação. Para tanto, é fundamental que a leitura seja percebida como uma experiência dinâmica, afetiva e social, e não como uma tarefa obrigatória ou um mero exercício de decodificação de palavras.

Consequentemente, o papel do educador é cultivar interações significativas entre alunos e textos, criando experiências de leitura que estimulem o prazer, a curiosidade e o pensamento crítico. Somente por meio dessa abordagem podemos dismantelar a visão reducionista e instrumental da leitura, abrindo caminho para uma prática pedagógica mais humanizada, libertadora e transformadora.

CONCLUSÃO

Em conclusão, ao pensar no processo de ensino aprendizagem faz-se necessário colocar em pauta o papel da escola, a formação dos professores, a sociedade e a realidade dos alunos, a utilização de instrumentos que desenvolvam a capacidade dos alunos que dê autonomia, responsabilidade e objetivo dentro e fora da escola.

Na formação desses indivíduos, o que não pode ocorrer é o que estamos vivenciando há anos, uma educação mecanizada, cansativa e que na grande maioria das vezes contribui para a evasão escolar antes mesmo dos adolescentes concluírem o ensino-médio,

Desse modo a literatura infantil é importante para que o processo da leitura seja eficiente, pois o objetivo da educação literária através dos textos literários é organizar e ensinar as crianças sobre como a leitura pode ajuda-los na compreensão profunda dos textos, ou seja, oferecer atividades que possam ser compreendidas além das palavras, na direção da sua formação humana e leitora.

Sendo assim afirmamos que a leitura deve ser cultivada e propagada ao longo da vida escolar e com um único objetivo, formar leitores e cidadãos conscientes, que sejam capazes de questionar e opinar sempre que necessário e que não sejam manipulados e levados por um sistema, introduzir a leitura literária em sala de aula vai ajudar os alunos a descobrir o mundo em que ele está inserido e descobrir o seu papel na sociedade.

Os resultados apresentados neste estudo indicam que, quando efetivamente integrada ao ambiente educacional, a literatura infantil serve como um instrumento significativo para o cultivo de leitores críticos e conscientes. Por meio da análise de obras de autores como Abramovich (1989), Coelho (2000) e Freire (1996), fica claro que fomentar o gosto pela leitura desde cedo deve ir além do mero ensino da decodificação de palavras; deve evoluir para uma prática envolvente, contínua e significativa que ressoe com as experiências, emoções e desenvolvimento cívico dos alunos.

Além disso, observou-se que um dos principais desafios enfrentados atualmente é a continuidade de uma abordagem educacional mecanizada e pouco inspiradora, que contribui para a diminuição do interesse pela leitura e, conseqüentemente, para maiores taxas de evasão escolar. As leituras e observações sugerem a necessidade de transcender esse paradigma e estabelecer ambientes de leitura literária que se alinhem aos estágios de desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo que respeitem seus interesses e realidades. Ao estabelecer essa conexão desde cedo, há uma maior probabilidade de sustentar uma paixão pela leitura ao longo da vida, nutrindo, assim, leitores genuínos em vez de meros decodificadores de texto.

Os resultados das investigações indicaram que, apesar dos avanços tecnológicos e da disponibilidade de informações, um número significativo de estudantes permanece desconhecedor da importância da leitura para seu desenvolvimento social e crítico. Isso reforça a necessidade premente de políticas públicas mais efetivas que garantam o acesso à educação de qualidade e priorizem a formação de professores, enfatizando o potencial transformador da leitura. Nesse sentido, o professor assume um papel fundamental: é sua responsabilidade cultivar experiências de leitura significativas que inspirem os alunos a apreciar e reconhecer a leitura como uma prática social vital.

Consequentemente, pode-se afirmar que a incorporação da literatura infantil no ambiente educacional é fundamental e cabe às escolas facilitar o envolvimento dos alunos com textos literários de forma criativa, reflexiva e prazerosa, garantindo que a leitura e a escrita sejam percebidas não como um fardo, mas como componentes fundamentais da vida dos alunos. Nesse contexto, a literatura infantil desempenha uma função importante no desenvolvimento humano, atuando como agente transformador e mediadora do conhecimento. Ao permitir que os leitores reflitam, questionem e reconstruam suas perspectivas, ela contribui significativamente para a formação de cidadãos críticos, participativos e ativos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. Editora Scipione, 1989.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Contos de Perrault**. Ática, 2019.

CAMARGO, Rosana; BARROSO, Antônio Carlos. A educação na era do conhecimento. **Sinergia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 79-85, jan./jun., 2010.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAZIOLI, Fabiano T.; COENGA, Rosemar E. **Literatura Infanto juvenil e leitura: novas dimensões e configurações**. Erechim: Habilis, 2014.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Vol 1.

LÉVY, Pierre; LEVIS, Diego. **O que é virtual?** Barcelona: Paidós, 1999.

LINS, Osman. **Do Ideal e da glória: Problemas inculturais brasileiros**. São Paulo, Summus, 1977.

LOBATO, Monteiro. **Na antevéspera**. São Paulo: editora da Unesp; imprensa oficial do estado de são Paulo, 2008.

MACHADO, Lílían Margarete; HAYDU, Verônica Bender. Escolha de acordo com modelo e equivalência de estímulos: ensino de leitura de palavras em situação coletiva. **Psicologia da educação**, n. 35, p. 72-94, 2012.

MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. **Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura: Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Art-Med, 1998.

TOSCANO, Moema. **Introdução a Sociologia Educacional**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VARGAS, Suzana. **Leitura: Uma aprendizagem de prazer**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

WERTHEIN, Jorge. **Inclusão na sociedade do conhecimento**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 jun, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.